

**História oral e memória do povo da fronteira:
Santo Antonio do Sudoeste e o golpe de 1964**

Lunalva Edméa Bernardi¹

Resumo

No artigo, fazem-se reflexões que permitam rever fatos da história oral e a memória do povo da fronteira com a Argentina, buscando através de depoimentos, identificar acontecimentos e aprofundar fatos sobre a eclosão do golpe de 1964 e seus reflexos na vida da comunidade desse município.

Palavra-chave: História oral, memória, depoimentos

Defrontando-me com fatos da história, principalmente com acontecimentos atuais sobre o período do golpe militar de 1964, também conhecido no contexto da história por muitos como a “revolução de 64”².

Este assunto fora bastante explorado por historiadores, jornalista, mas encontra-se ainda versões e fatos³ a serem esclarecidos, mas tendo como enfoque a região⁴ de fronteira como referencial de pesquisa, ainda carece de maior coleta de informações. Assim para abordar com maior clareza, há necessidade de pesquisar fatos e esclarecer indagações.

¹LUNALVA EDMÉA BERNARDI é graduada em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (1994); pós-graduação em Supervisão Escolar (especialização) pela Universidade do Oeste Paulista –SP (1997);pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos (especialização) pelo IBEPEX (1998); graduada em Estudos Sociais – Habilitação em História pela UNOESTE – SP (2000) Mestranda em História pe UPF e professora do município de Santo Antonio do Sudoeste – PR.

² COUTO, ADOLPHO JOÃO DE PAULA - Revolução de 1964: a versão e o fato Porto Alegre. Gente do livro, 1999 p. 119.142.

³COUTO, op. Cit. P. 304, 305.

⁴VER ABREU, ALVES de...(et.al) Dicionário Histórico biográfico Pós – 1930. Vol. RJ: Editora FGV, CPDOC. 2001, p. 840. Também TOLEDO, Caio Navarro de. O governo Goulart e o golpe de 64. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 55.

Pergunta-se, os pequenos municípios de fronteira, sentiram com menos intensidade o golpe de 64? Ao deparar-se com indagações semelhantes, o historiador necessita, levantar dados, o depoimento, a história oral, documental, enfim todos os registros que possam servir de suporte para qual as lacunas encontradas na história sejam supridas.

Frente a complexidade da situações que envolvem a eclosão do golpe de 64, e que constituíram em forte pressão para mudanças políticas e econômicas, pessoas foram perseguidas e torturadas, vidas foram marcadas e suas conseqüências não lhes escapa da memória.

Zita Milani descreve como havia medo e tensão neste período.

“...Houve lágrimas porque levaram pessoas daqui, eles levaram enganados as pessoas porque diziam , olha vocês vão juntos porque você vai dar informações, porque você vai trabalhar, até que iam arrumar emprego, levaram pessoas, e até hoje não voltaram, inclusive o pai da Jora que é professora...”⁵

Com isso foi criado todo um sistema para estruturar a vida da sociedade brasileira, era necessário que fossem “obedientes”, A manipulação ideológica tornou-se intensa na ditadura militar, onde o medo incentiva a amnésia mesmo nos tempos atuais.

Pelas situações que envolvem o saber e o produzir históricos, o historiador não poderá prever antecipadamente o resultado final do seu trabalho, mas poderá empolgar-se pelo prazer de produzir história.

O historiador depara-se, no dia – a – dia , com níveis de análise e entendimento que revejam a história não oficial, o história oral a memória, versões que, após estudadas, beneficiam a sociedade, colocando a sua disposição uma história mais perto da compreensão coletiva.

Buscando contribuir no resgate e aprimoramento da historiografia da região, fazendo-se necessário buscar implicações deste processo no desenvolvimento do seu espaço e na formação histórica paranaense, contando que no período de ditadura o município de Santo Antônio do Sudoeste, no qual encontra-se geograficamente em região de fronteira seca com a República da Argentina, tornara-se área de segurança Nacional.

⁵Depoimento de Zita Lourdes Sguarezi Milani, Santo Antonio do Sudoeste – PR 04/10/2001.

O tipo de análise do período em estudo diferencia o objeto de pesquisa dos processos ocorridos no interior do estado e na capital do Paraná e no restante do país. Evidente que a temática é de real importância para o campo historiográfico sobre tudo, no aspecto que tange a história regional, ou seja, a pesquisa se dedicará a trabalhar no resgate do sujeito oprimido, perseguido dentro do moralismo ditatorial, procurando reconstruir a história não oficial, a história oral a memória.

Para reconstruir esta memória, reativa-se lembranças que causaram dor ou alegria, pois mesmo com as emoções quando se recorda o passado, “podemos, a partir de histórias de vida social, construir histórias temáticas, podendo-se utilizar várias fontes e assim escrever um determinado período ou fato, realizando a construção teórica, baseada na transcrição de depoimentos”.

Dessa forma o testemunho oral “pode esclarecer dúvidas, e nós através do presente podemos reinterpretar o passado”.

Na verdade a história oral permite “descobrir origens, estudar suas trajetórias, analisar os sinais de seu fim...⁶”, Contribuindo desta forma para “definição de múltiplas identidades e construção de memórias,” permitindo que um saber acumulado seja retomado possibilitando “aprendizagens, interpretações e experiências.

E como disse Nunes e Magalhães: Há necessidade de dilatação do campo documental, para que o silêncio da história sejam interrogados através da busca do documento oral.” (Nunes e Magalhães)⁷

Na verdade penso que toda essa “particularidade é realmente” para um tipo de história oral) “⁸, e a qual me encontro profundamente envolvido, onde colocarei como exemplo pesquisas, onde pela delimitação do tema, realizaram-se entrevistas com pessoas que vivenciaram situações durante o período da revolução de 1964, estas entrevistas foram gravadas, transcritas e corrigidas. Os depoentes diante da metodologia da pesquisa demonstraram preocupação com relação as suas falas, pois queriam que seus depoimentos fossem de grande aproveitamento. Problemas foram encontrados com relação a transcrição dos depoimentos, pois, devem ser fiéis e posteriormente situações que incluem a emoção, resultando o “confronto entre fronteiras do real e o imaginário.

⁶ PASSERINI, Luisa – Mitobiografia em história oral Trad. De Maria Theresinha Janine Ribeiro; Projeto História, 10, SP. 1993. P. 32.

⁷ NUNES, José W. e MAGALHÃES, Nancy A – Imagem como memória e história : notas metodológicas. Núcleo de Estudos do Centro – Oeste / Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares/ Universidade de Brasília. Pag. 80.

⁸ PASSERINI, Luisa. Op. Cit. Pag.33.

Esta pesquisa permite focar as relações entre o golpe militar, ou seja, a Revolução de 1964, a fronteira do Paraná com a República da Argentina, e perseguição militar há moradores da localidade. Algumas famílias vieram do Rio Grande do Sul e outras de Santa Catarina, de onde vieram com seus familiares ainda jovens, alguns advêm de famílias pioneiras do município de Santo Antônio do Sudoeste, como é o caso de dona Josefina Maria Spier Dias: Quando viemos morar aqui eu tinha 16 anos, lá no são Francisco e daí casei no ano de 58(...)"⁹

Mas um detalhe é relevante, o presente trabalho, o qual envolve várias entrevistas, não está concluído, há várias entrevistas agendadas para serem confirmadas e registradas, os depoimentos, inclusive procurando ter várias versões e pontos de vista, como de exilados, autoridades, torturados e do povo. Mesmo que dificuldades com depoentes ocorram, seja estas referente à mudanças de endereços dos depoentes, medo e até mesmo a inacreditável clandestinidade (nomes falsos) que nos dias atuais parece ser distante da realidade.

A “memória é o reordenamento, a reconstrução de lembranças,” marcas do passado que fluem no presente e quando o indivíduo é estimulado a relembrar” desencadeia o processo de recordação e releitura de vestígios”¹⁰ , potencializando sentimentos múltiplos que estavam entorpecidos

Durante o período da ditadura a perseguição, a censura, medo formam alguns dos sentimentos que ficaram encravados na memória das pessoas, que viveram neste período da história brasileira e que de alguma forma incorporaram essas informações no mais íntimo do seu eu, reforçando a efetiva dominação, garantindo a obediência pelo medo.

]

⁹ Depoimento de Josefina Maria Spier Dias 03-10-2001.

¹⁰ NEVES, Lucila de Almeida – A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. LOCUS: Comunista: revista de História, Juiz de Fora, vol. 4 n° 1, 1998 p. 54.

Podemos acompanhar relatos de pessoas que viveram momentos de tensão e medo:

“(...) meu marido foi viajar prá Cianorte, depois foi prá Curitiba e daí a gente escutava no rádio que tava aquela bagunça que estavam atacando os carros, que não deixavam mais entrar carro na cidade, tava com medo (...)”¹¹

“(...) em tal lugar ta atacando vai dar a revolução e loca de medo até que o Darci chegou, daí a gente se conformou, mais passou basta medo.(...)”¹²

“(...) foi um período de tensão (...) , houve lágrimas (...)”¹³

“(...) me alembro que muitas pessoas foram perseguidas, e houve muitas perseguições e muitas mortes, só que era muito sigiloso, isso quer dizer então de repente pais de família que saiam de casa e apareciam morto, mas ninguém dizia quem matou (...)”¹⁴

“(...) tinha um tal de Batista aqui que ele assim executava as pessoas, quantos morreram e não sabiam porque eram matados(...)”¹⁵

Essa nova concepção de produzir história, aproxima as pessoas com a história do cotidiano, permitindo que o depoente sinta-se construtor desse processo, inserido nos acontecimentos a nível local, regional ou nacional, permitindo uma melhor compreensão e análise da historiografia brasileira, ocorrendo a valorização da história oral e da memória. E Felix confirma (1998; p. 144). “O passado vem em socorro do presente para justifica-lo, legitimá-lo e também projetar o futuro”¹⁶.

¹¹ Depoimento de Josefina M. S. Dias – 03-10-2001.

¹² Depoimento de Josefina M. S. Dias – 03-10-2001.

¹³ Depoimento de Zita L. S. Milani 04-10-2001.

¹⁴ Depoimento de Cláudio Pasa 13-10-2001.

¹⁵ Depoimento de Loiri Pasa 13-10-2001.

¹⁶ FELIX, Loiva Otero; Cláudio P. (org.) Mitos e Heróis: a construção do imaginário. Porto Alegre. Ed. Da Universidade/ UFRGS. 1998 p 144.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de.(et. Al.) Dicionário Histórico biográfico brasileiro pós – 1930. Vol. 1. Rio de Janeiro, Editora FGV, CPDOC, 2001./

CARDOSO, Ciro Flamarion. Representação e Construção do Espaço. Revista de História Regional. Ponta Grossa: UEPG, 1998 V.3 N° 1

CERUTTI, Simona – Construção das categorias sociais. In Boutier, Jean e Julia, Dominique – Passados recompostos. Campo e Canteiro da História. RJ, Editora da UFRJ/Editora FGV, 1998, p. 233 - 242

CESAR, Temístocles – Sob Firmamento da História: “o mito” do texto como representação objetiva do passado – In. Félix. L. e Elmir, C. (org.). Mitos e Heróis. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998, p. 163 – 178.

CEZAR, Temistócles – Estruturalismo e pós-estruturalismo na perspectiva do conhecimento histórico. Anos 90, POA, n° 4, dez. 1995, p. 129 – 151

COUTO, Adolpho João de Paula, Revolução de 1964. A versão e o fato. Porto Alegre: gente do livro. 1999.

DIEHL, Astor Antônio. Metodologia da pesquisa histórica (uma proposta de estudos) Passo Funda. RS. Ediupf. 2000.

FÉLIX, Loiva Otero. A História Política hoje: novas abordagens. Revista/ UFSC, Florianópolis, n.5, 98.

——— ; GEORGIADIS, Cardina; SILVEIRA, Daniela Oliveira, comunicações: grupo fontes orais e acervos institucionais. O relato oral de vivências no judiciário gaúcho. Estudos Leopoldenses - Série História. Vol. 4, n. 1, UNISINOS 2000.

GARCIA, J. C. Bona e PESENATO, Júlio. Verás que um filho teu não foge a luta. 3ª ed. Editora Posenato Arte & Cultura. Porto Alegre. 1989.

LACOUTURE, Jean – A história imediata – in Le Goff, J. (org.) A história Nova. 2ª ed. SP. Martins fontes, 1993, p.215 – 240.

MEIHY, José Carlos Bebe Bom – Manual de História Oral – Edições Loyola, SP, 1996. 111p.

NEVES, Lucilia de Almeida – A voz do militantes: o ideal de solidariedade como fundamento de identidade comunista. LOCUS: revista de História, Juiz de Fora, vol. 4.N° 1, 1998, p. 53 – 64.

NORA, Pierre – Entre Memória e história: a problemática dos lugares. Trad. De yara Aun Houry. Projeto História, 10, SP, 1993, p. 7 – 28.

NUNES, José Valter; M.N.^a Imagem e fala como memória e história: Notas metodológicas. Núcleo de Estudos do Centro Oeste/ Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares / UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, pg. 79 – 89.

PASSERINI, Luisa – Mitobiografia em história oral. Trad. De Maria Terezinha Janine Ribeiro, Projeto História, 10, SP. 1993, p. 29 – 40.

SAMUEL, Raphael – Documentação História Local e História Oral – Ver. Bras. De His. SP. V. 9 n° 19. Pp. 219 – 243 Set. 89/Fev. 90.

SILVA, Hélio e CARNEIRO, Maria Cecília R., 1964: golpe e contragolpe?, Editora LPM.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Região e História: Questão de Método. In: SILVA, Marcos A. da. (coord.) República das migalhas. História Regional e Local. São Paulo, Marco Zero. 1990. p. 17-42.

SODRÉ, Nelson Werneck. O governo militar secreto. Rio de Janeiro, Bertradi, 1987.

TRAMAS, espelho e poderes. Caderno de Cean UNB. Ano 1.

THOMPSON, Alistair – Quando a memória é um campo de batalha.

Entrevistas com militares: envolvimento pessoais e políticos com o passado do exército nacional n° 16, 1998.

